

## RESENHA

**OUSTINOFF, MICHAËL. LA TRADUCTION.  
PRESSES UNIVERSITAIRES DE FRANCE: PARIS, 2003.  
ISBN 2130534341.  
PEDRO PAULO A FUNARI<sup>1</sup>**

Michaël Oustinoff, professor da Sorbonne, reconhecido estudioso das questões relativas à tradução, publica uma valiosa introdução à temática. Oustinoff inicia seu estudo ao colocá-lo no contexto da busca, por parte da Unesco, da preservação da diversidade cultural, em um contexto de crescente uniformidade derivada da globalização. Hoje, haveria mais de seis mil línguas faladas, e a Bíblia, o livro mais vertido, já foi traduzida em 2233 línguas. As línguas correspondem a visões de mundo diversas e a extinção de uma língua corresponde a uma supressão de uma maneira de conceber o universo e a sociedade humana, problema tanto maior quanto 96% das línguas existentes são faladas por apenas 4% da população mundial. Retomando uma distinção aristotélica, W. von Humboldt insistia no fato de que a língua não é um *ergon* (um trabalho, algo feito), mas *energeia* (uma atividade), e essas concepções carregam implicações epistemológicas e filosóficas consideráveis, importantes para a tradução. De fato, a tradução é uma operação fundamental da linguagem, como afirmava o lingüista Roman Jakobson, ao distinguir três tipos de tradução: intralingual (reformulação em uma mesma língua), interlingual (de uma língua a outra) e intersemiótica (de um sistema de signos a outro). A primeira é uma operação fundamental e indispensável para o funcionamento de qualquer língua e constitui, por isso, o cerne universal da transposição lingüística.

Segue-se uma história da tradução, a começar pela Antigüidade e pela advertência de Cícero de que não se deve traduzir literalmente (*uerbum pro uerbo*, “palavra por palavra”), preceito desenvolvido por Jerônimo, em sua crítica à tradução grega do Antigo Testamento: “não se deve traduzir palavra por palavra, mas expressar o sentido” (*non uerbum de uerbo, sed sensum exprimere de*

---

<sup>1</sup> Departamento de História e do núcleo de Estudos Estratégicos da Universidade Estadual de Campinas.

*sensu*). Cícero é citado em uma frase capital: “não verti como simples intérprete, mas como orador, respeitando as orações, com suas figuras e pensamentos, usando, às vezes, temos adaptados aos nossos hábitos latinos. Não traduzi palavra por palavra, mas conservei o espírito das palavras e seu valor. Pensei que o que importa ao leitor é oferecer não o mesmo número de palavras, mas o mesmo peso (*non enim adnumerare sed tanquam adpendere*)”. No período moderno, a tendência a recriar foi acentuada, na paráfrase livre dos originais, mas a tradução foi muito importante para a própria norma culta dos vernáculos nascentes, como no caso paradigmático de Lutero e sua tradução da Bíblia. A época contemporânea começaria com Dryden, em seu prefácio às Epístolas de Ovídio, em 1680, ao distinguir três formas de tradução: literal, chamada de metáfrase, a tradução propriamente e a paráfrase. No século XIX predominaram as traduções literais, enquanto o século XX viu o desabrochar de teorias da recriação, com expoentes como Ezra Pound, Octavio Paz, e Haroldo de Campos. Oustinoff termina por constatar que, no início do século XXI, as traduções, com todo o seu potencial de abrir horizontes de diversidade cultural, representam 25% dos livros na Itália, 14% na Alemanha, 12% na França, mas apenas 2% nos Estados Unidos e Grã-Bretanha, sendo o inglês a língua mais traduzida desde meados do século XX. Lembra que a tendência à homogeneidade é acentuada pelos critérios de tradução das obras ao inglês, visando à legibilidade, mas gerando uma uniformidade etnocêntrica.

Em seguida, o autor trata, em detalhe, das teorias da tradução, no âmbito da oscilação pendular entre a ênfase na língua de origem (*sourciers*) ou na língua de chegada da tradução (*ciblistes*), como já anunciava Friedrich Schleiermacher em seu clássico de 1813, *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens*, ao propor que a escolha dependerá, sempre, da natureza do texto a traduzir. A tradução, nas últimas décadas, tornou-se um domínio importante da Linguística geral, mas a poética inevitável da tradução nunca deixou de ser levada em conta. A partir da hermenêutica moderna, apoiada em Husserl, Heidegger, Gadamer e Ricouer, desenvolveu-se, também, a crítica das traduções, com o estudo de três aspectos: posição, projeto e horizonte de tradução. Oustinoff discorre sobre as operações de tradução, entre a reformulação e a transposição, sempre com muitos exemplos, a maioria deles das línguas inglesa e francesa. Usa o exemplo de países bilíngües, como o Canadá, para mostrar como estruturas de uma língua dominante podem contaminar a tradução à língua minoritária, quando feita por não falantes da segunda. O francês nas estradas canadenses não representa a

língua dos francófonos, mas a língua francesa da maioria anglófona. Essa constatação poderia ser aplicada às traduções, tão comuns entre nós no Brasil, de textos para o inglês que constituem decalques da nossa língua, em tudo diversas da maneira de expressar da língua inglesa.

A ação do tradutor simultâneo merece atenção à parte, por sua dificuldade adicional de ser imediata e de oferecer a grande tentação e armadilha da literalidade. O risco que se corre é a perda de sentido na língua de chegada. Ademais, a erudição que permite colocar a fala a ser traduzida em seu contexto exige não só conhecimento lingüístico, *stricto sensu*, mas profundidade histórica e sociológica. Conclui que o domínio das línguas é condição necessária, mas insuficiente para a tradução, e que uma “literalidade bem temperada” deve sempre estar atenta à natureza do texto ou da fala a ser vertida.

As línguas não constituem instrumentos intercambiáveis; são, ao contrário, os próprios fundamentos da construção de identidades sociais. Como afirma Paul Ricouer, “traduzir é habitar uma língua estrangeira e dar hospitalidade a esse estrangeiro em sua própria língua. Da mesma maneira, não se pode dizer que a memória e a História traduzem aquilo que foi transmitido sobre o acontecimento na língua de recepção do narrador?” Afinal, uma língua não é apenas uma junção de palavras, mas também e acima de tudo uma maneira de pensar, sonhar, imaginar, ver o mundo. Não se fazem as mesmas construções mentais e raciocínios de uma língua a outra. Neste contexto, Oustinoff ressalta que a tradução é preciosíssima como meio eficaz para corrigir as tendências etnocêntricas inerentes a todas as sociedades, com suas conseqüências nefastas. A abordagem humanista do volume insere-se, perfeitamente, nas diretrizes da Unesco, que visa à preservação da diversidade cultural, em face da crescente uniformização de um mundo globalizado. O livro, assim, serve tanto para os especialistas, interessados nos meandros da faina tradutora e intérprete, como a um público muito mais amplo, de todos que se preocupam pelos rumos do mundo contemporâneo, com suas tendências a uma homogeneidade redutora e simplificadora da diversidade humana. Para os estudiosos da tradução, a mensagem maior consiste em tentar sempre estarmos atentos ao contexto histórico, social, sentimental, poético ou retórico, que dá sentido ao texto a ser vertido. Sem que se entenda essa imensa dimensão extralingüística, corre-se o risco de apresentar uma simples sombra da riqueza cultural do original. Para todos os que se interessam pelo humano, para os quais, à maneira de Terêncio, *humani nihil alicuius*, o volume nos alerta que nada mais enriquecedor do que se imergir em outras culturas.